

TV+

Romulo Estrela fala sobre o dilema moral de seu personagem em *Três Graças*, a revisão da masculinidade em meio à paternidade e o aprendizado de envelhecer com mais escuta e vulnerabilidade

POR PATRICK SELVATTI

Quando o policial Paulinho Reitz aparece em cena em *Três Graças*, não é apenas mais um personagem que age em nome da lei e do amor romântico na teledramaturgia brasileira. Há, nele, um homem em permanente tensão, dividido entre o dever e os afetos, entre o peso da justiça e a fragilidade da vida privada. É nesse território de conflitos que o ator Romulo Estrela prefere caminhar.

Aos 42 anos recém-completados, o maranhense nascido em São Luís construiu uma trajetória que atravessa duas décadas de televisão, teatro e cinema. Desde as primeiras participações na televisão, ainda nos anos 2000, até chegar ao protagonismo em produções recentes, ele se consolidou como um dos rostos recorrentes da teledramaturgia brasileira. Em *Três Graças*, novela da TV Globo, interpreta um policial civil que, ao longo da trama, vê-se diante de uma escolha devastadora: cumprir a lei ou proteger a mulher que ama.

Para o ator, o personagem se constrói menos na superfície da profissão e mais nas fissuras que ela provoca. Já tendo interpretado policiais em outros momentos da carreira, ele diz que, desta vez, o desafio não está em repetir gestos ou códigos da autoridade, mas em compreender o que acontece com um homem quando as fronteiras entre o dever e a vida íntima começam a ruir. “O que me interessa de verdade é o conflito. Ele não é uma figura de autoridade, é um homem atravessado por escolhas difíceis”, afirma Romulo, que, no streaming, deu vida a Ramiro, em *Ilha de ferro*, e Cristiano, em *Verdades secretas 2*, ambas do Globoplay. “Um cara como ele desafia um estereótipo, tanto na imagem quanto na maneira de se relacionar. É aí que fica interessante para mim”, completa.

Essa tensão ganha forma em um dos principais momentos da trama: Paulinho precisa prender a própria companheira, Gerluce (Sophie Charlotte), envolvida no roubo da escultura que dá nome à trama criada e escrita por Aguinaldo Silva, Virgílio Silva e Zé Dassiila. O dilema moral, segundo o ator, estava previsto desde o início da construção do personagem e orientou toda a sua trajetória dentro da história. “Todo mundo gosta de imaginar que faria sempre a coisa certa. Mas a vida coloca a gente em situações em que o certo tem um custo. E, às vezes, o custo é afetivo”, diz o pisciano, com a visão de que personagens revelam quem realmente são quando submetidos a esse tipo de pressão: “Não tem saída limpa”, define.



Victor Pollak

Conversas coletivas

A novela também aborda temas sociais que extrapolam o drama individual. A saúde pública é um dos eixos narrativos da história, e Estrela fala sobre o assunto com a memória de uma experiência pessoal marcante. Aos 24 anos, enfrentou um problema cardíaco grave, ainda que não tanto quanto o de Ligia das Graças (Dira Paes). Hoje, ao ver o tema aparecer na ficção, enxerga a relevância do alcance popular da novela. “Novela, no Brasil, ainda é uma das maiores conversas coletivas

que a gente tem. Pouca coisa chega a tanta gente ao mesmo tempo”, observa. Para ele, produções como *Três Graças* ajudam a expor a vulnerabilidade de uma população que depende do sistema público de saúde e sofre quando ele falha. “Se isso ajuda alguém a prestar mais atenção no próprio corpo, já valeu”, assinala.

Orgulhoso de suas origens, Estrela também acompanha com atenção as mudanças no audiovisual brasileiro, especialmente no espaço conquistado por artistas fora do eixo tradicional de produção. Filho do Maranhão, ele defende que o país é grande demais para caber em uma única paisagem cultural. “Hoje, você pode criar a partir do lugar de onde você é, com